

ARGUMENTATIVIDADE NO CONTÍNUO DA IMPOLIDEZ: UMA ABORDAGEM TEXTUAL

ARGUMENTATIVITY ON THE CONTINUUM OF IMPOLITENESS: A TEXTUAL APPROACH

Jessica Oliveira Fernandes¹

Rafael Lima de Oliveira²

Resumo

Neste artigo, partindo de uma vertente brasileira da linguística textual (Cavalcante et al., 2022), assumimos que a argumentatividade é uma condição de todo texto e que as motivações argumentativas influenciam todas as estratégias de organização textual. Desse modo, tomando como critério analítico os processos referenciais, que acionam os referentes em rede nos textos (Matos, 2018), buscamos demonstrar que o uso da impolidez é uma estratégia argumentativa e se manifesta nos textos em diferentes graus, sendo um deles a violência, a qual ocupa um dos extremos do que denominamos, com base em Fernandes (2024), “contínuo da impolidez”. A demonstração de como a impolidez opera estrategicamente é baseada na análise de comentários em postagens de perfis dos jornais O Povo e Diário do Nordeste na rede social Instagram. Os processos referenciais são mobilizados para atualizar níveis de impolidez que atuam como modos mais ou menos agressivos de marcar, no texto, os pontos de vista dos comentaristas.

Palavras-chave: texto. argumentatividade. contínuo da impolidez. redes referenciais.

Abstract

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), membro do Protexto - Grupo de Pesquisa em Linguística (CNPq/Unilab) e do Grupo Digithum (LE@D/Uab Portugal). <https://orcid.org/0000-0001-6811-423X>. E-mail: jessicafernandes36@gmail.com

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador do Protexto - Grupo de Pesquisa em Linguística (CNPq/Unilab). <https://orcid.org/0000-0001-7993-1307>. E-mail: rafaellima@outlook.com

In this paper, based on a brazilian strand of text linguistics (Cavalcante et al., 2022), we assume that argumentativity is a condition of every text and that argumentative motivations influence all strategies of text organization. Thus, using referential processes, which activate references in networks within texts (Matos, 2018), as an analytical criterion, we aim to demonstrate that the use of impoliteness is an argumentative strategy and manifests in texts to varying degrees, one of which is violence, which occupies one of the extremes of what we call, based on Fernandes (2024), the “continuum of impoliteness”. The demonstration of how impoliteness operates strategically is based on the analysis of comments on newspaper profile posts O Povo and Diário do Nordeste on the social network Instagram. Referential processes are mobilized to highlight levels of impoliteness that act as more or less aggressive ways of marking the commentators' points of view in the text.

Keywords: *text. argumentativity. continuum of impoliteness. referential networks.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, que se situa no âmbito da linguística textual (doravante LT) de vertente brasileira (Cavalcante *et al.*, 2022), analisamos a argumentatividade na mobilização da impolidez por um locutor-enunciador primeiro³ em interações *online*.

A argumentação, ou argumentatividade, é vista aqui numa visão alargada, fundamentada pela Teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy (2018a), o que nos permite afirmar, na esteira do que vem sendo defendido em Cavalcante *et al.* (2022), que ela é constitutiva de todo texto – isto é, que todo texto possui pelo menos uma *dimensão argumentativa*, quando não possui uma *visada*. Essa argumentatividade intrínseca a todo texto, por consequência, justifica a posição de que todas categorias da LT – em especial, a referenciação, que elegemos como critério analítico neste trabalho – podem revelar as tentativas a partir das quais um locutor age sobre seu dizer, em constante negociação com seus interlocutores.

Na complexa trama argumentativa dos textos, a mobilização da impolidez pelo locutor é, por sua vez, assumida como estratégica e se manifesta textualmente em diferentes graus, considerando aspectos *culturais* que influenciam a interpretação da impolidez e *contextuais*, como a relação entre os interlocutores e o contrato comunicativo que se estabelece em cada interação, conforme discute Charaudeau (2019). Nesse sentido, buscamos refletir sobre a

³ Nas próximas ocorrências, quando falarmos apenas de “locutor”, estamos nos referindo ao locutor/enunciador primeiro, conforme descreve Alain Rabatel (2016).

construção textual da argumentatividade a partir de uma gradação da impolidez em um contínuo, conforme proposto por Jessica Fernandes (2024).

Sendo assim, com esse objetivo, discutimos inicialmente a interface que a LT estabelece com a Teoria da Argumentação no Discurso. Em um segundo momento, desenvolvemos a perspectiva do contínuo de impolidez conforme pontua Fernandes (2024) e o modo como ele se atualiza no texto a partir dos processos referenciais. Por fim, apresentamos uma demonstração acerca dos níveis que a impolidez pode assumir em comentários no ecossistema Instagram.

1 A ARGUMENTAÇÃO PARA A LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA

A linguística textual de vertente brasileira da qual partimos (Cavalcante *et al.*, 2022), embora não seja uma disciplina que teoriza sobre a argumentação, reivindica-a como um pressuposto basilar. Isso porque reconhece que, para dar um tratamento analítico ao texto, seu objeto de estudo, é preciso considerar sempre as motivações argumentativas que tocam todas as estratégias de organização textual. Esse posicionamento teórico, incontornável para os estudos do texto, delineou-se a partir da interface entre a LT e a Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD), de Ruth Amossy, aventada por Cavalcante (2016).

Na obra *Argumentação no discurso*, Ruth Amossy (2018a [2000]) promove uma articulação teórica entre a argumentação retórica, fundada em Aristóteles e revigorada em Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), e a análise do discurso. A partir disso, a autora propõe

- dotar a argumentação retórica de “instrumentos e procedimentos necessários ao estudo concreto da fala argumentativa” (Amossy, 2018b, p. 1), uma vez que avalia que a argumentação retórica não recorre a ferramentas linguístico-discursivas suficientes para uma compreensão do funcionamento discursivo e da identificação das estratégias verbais de persuasão;
- redimensionar a noção de sujeito, visando contornar a incompatibilidade da concepção dessa noção entre a retórica e a análise do discurso a partir da ideia de que, na TAD, “a fala é concebida ao mesmo tempo como parcialmente determinada pelo discurso social da época e suas evidências e como um instrumento de ação e de poder” (Vitale; Amossy, 2018, p. 190);
- ampliar o conceito de argumentação, considerando-a constitutiva do discurso.

Na ampliação do conceito proposto por Amossy, a argumentação passa a ser vista como “a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (Amossy, 2011, p. 130). Com isso, a autora não visa prescindir dos discursos reconhecidamente argumentativos, mas sim lançar luz à argumentatividade de todo e qualquer discurso. Essa é a razão pela qual Amossy propõe substituir o binarismo argumentativo vs. não argumentativo pela ideia de um contínuo argumentativo, na qual os discursos, quando não possuem uma *visada argumentativa*, possuem no mínimo uma *dimensão argumentativa*⁴.

A interface da LT com a TAD se justifica, segundo Cavalcante (2021), na constatação de que uma abordagem de base simultaneamente retórica e discursiva, como a de Amossy, é mais compatível com o programa analítico da LT. Além disso, Amossy (2018b, p. 1), ao considerar uma abordagem textual para a TAD à medida que focaliza “o estudo concreto da fala argumentativa”, reforça um aspecto relevante para LT que é a consideração do acontecimento do texto como evento único e irrepetível e a seu modo particular de organização no cenário da interação.

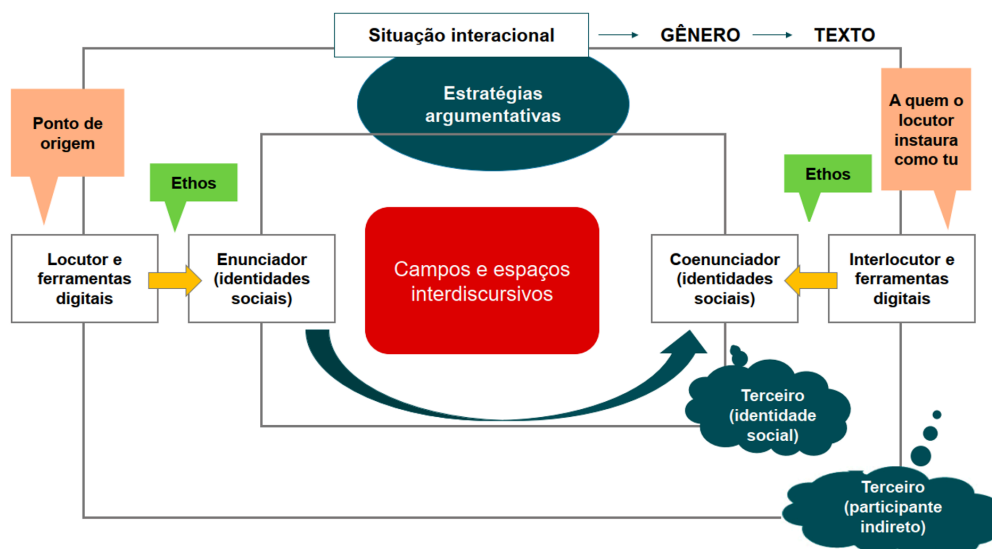
Essa interface, conduzida num movimento de “interdisciplinaridade focalizada” (Charaudeau, 2015), exige dos estudiosos da LT o redimensionamento de conceitos da TAD a partir de seus pressupostos visando garantir uma aplicação coerente destes a seus critérios analíticos. A LT tem o texto como objeto de estudo, concebido como uma unidade de coerência em contexto (Cavalcante *et al.*, 2022). É, portanto, de seu interesse “descrever e explicar as estratégias de colocar em texto (isto é, de textualizar) os propósitos dos interlocutores que agem em práticas discursivas convencionadas como gêneros do discurso” (Cavalcante, 2016, p. 118).

Um passo relevante desse redimensionamento se dá, conforme Cavalcante (2016, p. 122), na consideração de que “a argumentação é constitutiva do discurso, mas é no texto que ela se expressa”. Se o texto é o ponto a partir do qual todo o jogo argumentativo é tecido, é muito coerente considerar, com base em Cavalcante *et al.* (2022, p. 98), que “todos os critérios analíticos da linguística textual podem revelar as tentativas do locutor de agir sobre seu dizer, negociando-o com seus prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), e/ou como o terceiro, para atender a seus propósitos”, inclusive a impolidez, que assumimos, neste trabalho, como uma estratégia mobilizada pelo locutor e flagrada pela construção referencial.

⁴ Para uma discussão mais detalhada sobre as noções de dimensão e visada argumentativa, sugere-se a leitura de Oliveira e Cavalcante (2024).

Cada texto, que, como vimos, se constitui como um evento, se desenvolve em um circuito comunicativo, nos termos de Charaudeau (2019). Esse circuito é repensado em Cavalcante *et al.* (2022), que o complexifica da seguinte forma.

Figura 1 - Situação de comunicação e interpretação da coerência



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022)

Essa complexificação visa dar conta da própria ampliação da noção de contexto, que, segundo Cavalcante *et al.* (2019, p. 35), “é visto como mais amplamente sócio-histórico”, não limitado à situação comunicativa imediata. Assim, convergem para esse circuito comunicativo aspectos textuais, mas também enunciativos, argumentativos e (tecno)discursivos, os quais intervêm na (re)construção dos sentidos do texto e interessam a toda análise textual.

Quando nos propomos a analisar comentários no ecossistema Instagram, que consiste na fonte do exemplário composto para este artigo, consideramos que os interlocutores, no momento de realizar suas escolhas textuais em suas tentativas de influência, que só podem ser supostas como *efeitos possíveis* (Charaudeau, 2015), levam em conta o contrato comunicativo⁵ pactuado em cada interação, mas também a interferência das tecnologias digitais, com suas novas possibilidades e restrições (Paveau, 2017), e, ainda, a interveniência

⁵ O contrato comunicativo é, na semiolinguística de Patrick Charaudeau, um conjunto de condições “que permite[m] aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade*), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade*), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito*) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias*)” (Maingueneau; Charaudeau, 2008, p. 131).

do terceiro (Amossy, 2017) – um participante indireto que presencia e, às vezes, é visado pelo locutor, mas que não toma a palavra na interação – e de sua identidade presumida.

Esses aspectos, como veremos, são imprescindíveis para uma análise da impolidez, que, admitida como uma estratégia argumentativa mobilizada pelo locutor, pode se manifestar textualmente em diferentes graus num contínuo.

2 AS MARCAS DA IMPOLIDEZ E SUA GRADAÇÃO EM UM CONTÍNUO

A impolidez é alvo de investigação por estudiosos de várias áreas, como a pragmática e a análise do discurso. Eventualmente, nesses estudos, noções como a de impolidez e a de violência são aproximadas, mas, em virtude de elas serem gestadas em escopos teóricos distintos, é necessário que sejam diferenciadas, afinal não priorizam necessariamente os mesmos aspectos do fenômeno.

O pragmático Johnatan Culpeper (2011), por exemplo, conceitua impolidez como um conjunto de estratégias que visam, intencionalmente, causar a desarmonia por meio do ataque à face do outro. Em relação à violência, a analista do discurso Amossy (2008) vincula essa noção ao discurso de paixão e associa a sua mobilização a um modo específico de argumentar, o da modalidade polêmica⁶.

Quem também trata dessa noção é o semiolinguista Charaudeau, que parece contemplar múltiplos fatores que estão envolvidos na interpretação da violência.

A violência verbal é um ato de linguagem e, como todo ato de linguagem, ele depende, para sua significação: da *situação de comunicação* na qual interagem os interlocutores, o que implica conhecer sua identidade, o que está em jogo em sua interação e as circunstâncias materiais; chamo a isso de *contrato de comunicação*; da maneira como ele é *posto em cena*, ou seja, da situação da enunciação; do *valor social das palavras e fórmulas* inventadas e compartilhadas pela sociedade. Isso nos lembra que toda interação linguística deve ser interpretada em função das características socioculturais do grupo ao qual pertencem os parceiros da interação. Em relação à violência verbal, isso indica que ela não é revelada apenas pelas palavras e que deve ser considerada, para a análise da linguagem, no conjunto de suas condições de produção (Charaudeau, 2019, p. 454).

Essas noções são postas em diálogo por Fernandes (2024), a qual ressalta que, embora oriundas de áreas diferentes, se aproximam à medida que os estudos se desenvolvem em torno de questões discursivas. A autora toma como ponto de partida o conceito de violência

⁶ Cf. Amossy (2017).

de Charaudeau, mas opta por utilizar o termo “impolidez”, concebendo-o de forma mais abrangente que violência, especificamente por propor alguns redimensionamentos, principalmente em relação aos níveis a que um enunciado impolido pode chegar.

Em sua definição, Culpeper não chega a mencionar explicitamente a ideia de gradação, o que pode nos induzir a assumir que as ocorrências do fenômeno poderiam ser interpretadas de modo fixo, não contemplando ou pelo menos não dando a devida importância ao componente contextual. Charaudeau, por sua vez, já ressalta, em sua definição de violência, pontos cruciais para a interpretação do fenômeno, como as condições de produção e o valor social das palavras, o que, de certo modo, abarca nuances importantes.

Já Amossy parece considerar que qualquer enunciado com crítica ou discordância, por exemplo, já se caracteriza como desqualificação do outro, embora essa desqualificação seja marcada por uma ausência de violência. Já nos casos dos enunciados com insultos e ofensas, a autora parece associar à violência. Essa diferenciação já sinaliza os pesos diferenciados que enunciados violentos podem assumir.

Nesse sentido, Fernandes (2024), pautando-se na ideia do *contínuo de impolidez*, assume que já há algum nível de impolidez quando o interlocutor rebate, critica e/ou discorda. Há, portanto, uma espécie de sobreposição, já que entendemos que toda violência é uma impolidez, entretanto o contrário nem sempre é verdadeiro, pois uma violência é considerada um tipo de impolidez com fatores (de diversas naturezas) que potencializam o efeito da ofensa a ponto de ser configurada uma violência. Violência, por aparentar ter uma aceção mais grave dentro dos graus de agressividade⁷ do ato linguageiro, seria, então, o extremo mais agressivo do contínuo de impolidez.

Sendo assim, optamos por nomear essa ideia de gradação como contínuo de impolidez para condizer com o que defendemos acerca da relação entre impolidez e violência, abarcando um amplo espectro de atos linguageiros que promovem a desarmonia da interação.

Além de redimensionar a definição de violência proposta por Charaudeau (2019) para uma ideia abrangente de impolidez dentro do contínuo, destacamos a menção que o autor faz ao aspecto verbal da violência. Entretanto, assumimos que outros modos semióticos também atualizam, a nosso ver, a impolidez⁸.

⁷ Estamos considerando agressividade o conjunto de fatores que colaboram para uma interpretação mais ou menos intensa do uso da impolidez em contexto.

⁸ Cf. Almeida (2023) e Fernandes, Almeida e Cavalcante (2023).

Dessa forma, é possível marcar os posicionamentos argumentativos e, ainda, as oposições com maior ou menor virulência. Uma discordância já se enquadraria, minimamente, no contínuo de impolidez, entretanto o modo como ela se atualiza e a complexa rede de objetos de discursos que evoca pode torná-la violenta. Os enunciados são considerados ofensivos dentro dessa complexa relação entre diversos elementos que compõem o que entendemos como evento textual.

Os *objetos de discurso*, conforme nomeiam Mondada e Dubois (2016), são os referentes, (re)construídos⁹ e negociados entre os participantes da interação no momento do acontecimento do texto. Como refletem Cavalcante *et al.* (2019), eles emergem não só por meio das expressões referenciais que os evocam, mas também pela sugestão das pistas contextuais disparadas por semioses diversas. Essa é uma consideração relevante para os estudos da referenciação e fundamenta a proposta de Janaica Matos (2018), para quem todo texto constrói *redes referenciais*. Essa noção, que suplanta a de cadeias referenciais, visa ressaltar o dinamismo da construção referencial nos textos. Para a autora,

[...] à medida em que se entrelaçam no texto, os objetos de discurso travam uma multiplicidade de relações entre si e com a aparelhagem conceitual dos interlocutores do texto capazes de estabelecer a manutenção de certos referentes e de promover a aparição e o processamento de outros simultaneamente, adicionando traços e características aos objetos continuamente, no universo textual-discursivo (Matos, 2018, p. 33).

A construção referencial nos textos, portanto, não pode ser reduzida à análise de expressões referenciais, porque, ao convocar esse critério analítico, se focaliza a análise da construção e da manutenção da coerência dos textos, mas também, como reforçam Cavalcante e Martins (2020), a negociação argumentativa e as relações interdiscursivas. Neste trabalho, a referenciação é o critério pelo qual buscamos evidenciar o modo estratégico a partir do qual os locutores escolhem introduzir e retomar referentes, negociando-os com seus prováveis interlocutores, mobilizando a impolidez com fins persuasivos. Essa impolidez, como veremos na seção seguinte, pode se manifestar textualmente em diferentes graus, que compõem um contínuo de impolidez.

⁹ Para um aprofundamento sobre a referenciação e os processos referenciais, sugere-se o capítulo de Cavalcante e Martins (2020).

3 UMA ANÁLISE DA ARGUMENTATIVIDADE NO CONTÍNUO DA IMPOLIDEZ

Com o objetivo de ilustrar a gradação da impolidez em um contínuo, selecionamos duas publicações feitas em perfis de dois jornais cearenses, O Povo e o Diário do Nordeste, no ecossistema do Instagram. As publicações, inclusive por coerções do gênero, buscam, a partir de uma interação harmônica e, portanto, polida, informar seus seguidores. O fato noticiado, em ambos os casos, diz respeito ao bloqueio da rede social X (ex-Twitter) pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes.

O bloqueio do X no Brasil ocorreu em agosto de 2024, em resposta à recusa da plataforma em cumprir uma ordem judicial do STF. Alexandre de Moraes ordenou a suspensão temporária do X por não ter havido a remoção de conteúdos que promoviam ataques antidemocráticos e desinformação relacionada às eleições brasileiras de 2022. Elon Musk, proprietário da plataforma desde 2022, foi uma figura central no conflito. Ele se opôs ao que considerava censura, o que complicou o diálogo com as autoridades brasileiras.

A plataforma X segue, durante o mês de setembro de 2024, bloqueada no Brasil, pois a rede social não cumpriu ordens judiciais de suspender contas de usuários acusados de crimes, além de atrasar a nomeação de um representante legal no país. Embora a empresa tenha pagado uma multa de R\$18,3 milhões e suspenso as contas exigidas, ainda há pendências em relação a documentos e outras multas, que totalizam mais de R\$28 milhões. A advogada Rachel de Oliveira Conceição foi oficializada como representante legal da empresa no Brasil, e a plataforma apresentou documentos para regularizar sua situação¹⁰.

O perfil do jornal O Povo, em um tom informal e dialogal, busca se aproximar de seus seguidores e convoca-os para uma discussão sobre o assunto a partir da manchete: “Será que agora vai? X (ex-Twitter) diz que cumpriu exigências judiciais e pede desbloqueio no Brasil”. Apesar de a interação iniciar de forma polida, alguns dos comentários da postagem criticam as pessoas públicas envolvidas no caso. Os comentários e seus diferentes níveis de impolidez são alvo da discussão empreendida neste artigo.

No ecossistema Instagram, acessado via *desktop*, a postagem do perfil @opovoonline pode ser visualizada da seguinte forma¹¹.

Figura 2 - Postagem do perfil @opovoonline no Instagram

¹⁰ Até a submissão deste artigo, em 30 de setembro, o X ainda aguarda uma nova decisão de Moraes, que avaliará se o cumprimento dessas exigências permitirá o desbloqueio da rede social no país.

¹¹ Para preservar a identidade dos usuários, ainda que seus comentários estejam públicos no perfil do @opovoonline e, posteriormente, no @diariodonordeste, optamos por omitir fotos de perfil e substituir seus nomes por códigos, como forma de viabilizar a análise que propomos.

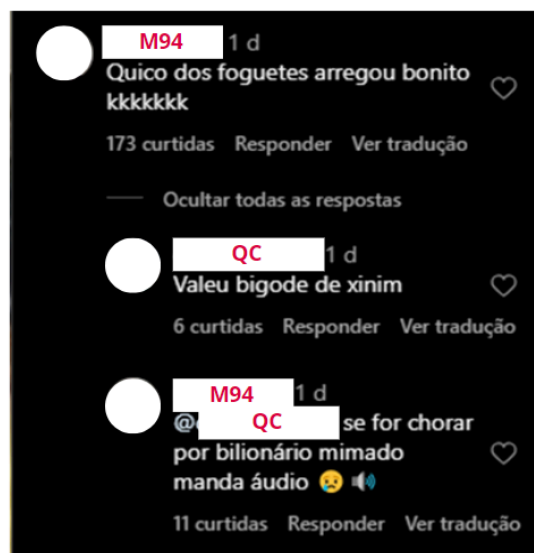


Fonte: Perfil @opovoonline no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAZQi8AzbwO/>.

Acesso em: 29 set. 2024.

Embora a publicação do jornal O Povo (@opovoonline) não introduza o referente “Elon Musk” na parcela contextual, ele ainda sim emerge, não só pelo contexto em que se insere a notícia, mas também a partir do referente “X (ex-Twitter)”, introduzido pela manchete na imagem (à esquerda), e de sua relação com a rede referencial que se (re)constrói no texto.

Figura 3 - Respostas à M94 na postagem do perfil @opovoonline no Instagram (1)



Fonte: Perfil @opovoonline no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAZQi8AzbwO/>.

Acesso em: 29 set. 2024.

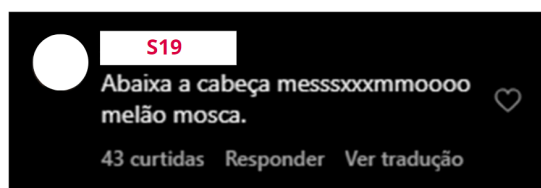
Assim, quando o usuário *M94* comenta “Quico dos foguetes”, essa expressão referencial promove um duplo movimento: ao mesmo tempo que alude ao personagem Quico, do seriado Chaves, também retoma, anaforicamente, o referente “Elon Musk”. Isso é perceptível principalmente pelo determinante “dos foguetes”, já que o milionário é também dono da SpaceX, que constrói foguetes. O que *M94* objetiva é traçar, estrategicamente, uma comparação entre Quico e Musk, não só fisicamente, mas também em personalidade. Nesse sentido, é relevante dizer que, na série, Quico é reconhecido por ter uma condição financeira superior a dos demais personagens, o que o torna arrogante e mimado. Desse modo, quando compara Musk a Quico, o usuário *M94* visa desqualificar sua imagem, atribuindo-lhe as mesmas características da personalidade do personagem fictício.

Por se tratar de um jornal que circula no Ceará, o verbo “arregar”, usado informalmente no estado para se referir a uma pessoa que desiste ou recua diante de uma situação difícil, perigosa ou que exija coragem, é associado ao proprietário do X. Quando o usuário afirma que ele “arregou”, quer dizer que essa pessoa fugiu, desistiu ou não teve coragem de enfrentar um desafio; no caso em questão, não sustentou a decisão de não cumprir as determinações do STF. Assim, podemos perceber que as estratégias mobilizadas por *M94*, inclusive de impolidez, revelam seu ponto de vista.

A impolidez de que se vale o usuário *M94* é a de entretenimento (Culpeper, 2011), principalmente pelo indício da risada (kkkkk), a qual tem como objetivo divertir quem ele projeta como seus prováveis interlocutores, mas também o terceiro, que não pode ser desconsiderado em interações online que são públicas. A utilização da risada ao final do comentário tende a amenizar o conteúdo impolido do comentário e, portanto, atenuar a ofensa sem que ela seja, por isso, anulada. O uso estratégico da impolidez, portanto, dá o tom à crítica do usuário à conduta de Elon Musk. Para isso, *M94* joga com valores sociais que prezam pela sustentação das decisões, sugerindo que a pessoa foi covarde ou não teve firmeza suficiente.

Outros comentários, como o de *S19*, também partem desse mesmo valor.

Figura 4 - Comentário de *S19* na postagem do perfil @opovoonline no Instagram



Fonte: Perfil @opovoonline no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAZOi8AzbwO/>.

Acesso em: 29 set. 2024.

Ao fazer menção à ideia de “baixar a cabeça”, o usuário *S19* corrobora esse ponto de vista do usuário *M94*. O uso estratégico da impolidez ganha nova camada com a retomada anafórica do referente Elon Musk, ridicularizando-o, a partir da expressão “melão mosca”. Se no comentário de *M94* foi o determinante “dos foguetes” que permitiu a relação mais imediata com o referente “Elon Musk”, no comentário de *S19* é a sonoridade entre a expressão escolhida – “melão mosca” – e o nome do empresário que contribui estilisticamente para a retomada do referente.

Essa estratégia de impolidez para entretenimento, sobretudo nas redes sociais, usada tanto por *M94* quanto por *S19*, normalmente pode ser associada à busca por engajamento. Neste caso, enquanto o comentário de *S19* obteve o razoável número de 43 curtidas, o comentário de *M94* obteve, no momento da captura de tela, um número bem superior, com 173 curtidas. Além disso, o comentário de *M94* suscitou 5 respostas, as quais serão analisadas a seguir.

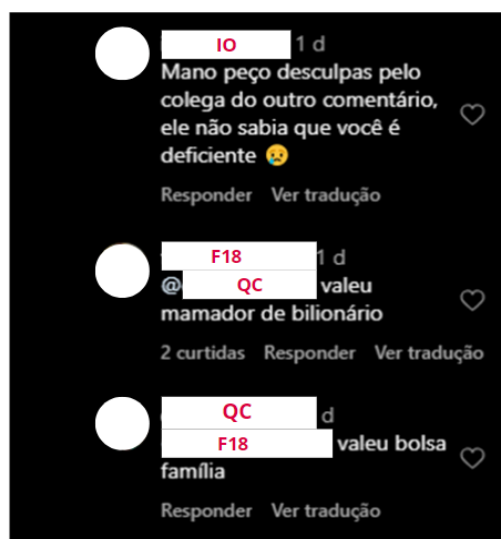
A resposta de *QC* ao comentário de *M94* compõe-se quase que exclusivamente por uma ofensa ao seu interlocutor. A expressão “bigode de xinim”, que *CQ* usa como uma espécie de vocativo (ainda que não esteja assinalado pela vírgula e mesmo sem o recurso dêitico¹² das menções), é a forma como ele recategoriza *M94*, muito possivelmente em razão da fotografia do perfil do usuário, na qual ele aparece com bigode e sem barba. Assim como o verbo “arregar”, a expressão regional “xinim” também é utilizada no Ceará, mas para se referir ao órgão sexual feminino. Observa-se que é somente por meio da ofensa, isto é, do gesto impolido, que *CQ* visa descredibilizar seu interlocutor e que, por consequência, revela sua oposição à crítica feita por *M94* à Elon Musk.

Nessa primeira troca, vemos uma mudança de perspectiva que pode sinalizar um nível mais alto de impolidez por parte do usuário *QC*, uma vez que, ao se opor ao que *M94* comenta acerca de Musk, que não está participando diretamente da interação, ele visa atingir não o seu ponto de vista, mas a pessoa do próprio autor do comentário inicial. O efeito possível que assumimos é de certa forma indiciado pela tréplica de *M94*, o qual também desvia parcialmente o foco do assunto da notícia e passa a ofender seu interlocutor.

¹² Cf. Martins (2024).

Admitindo que o gesto impolido de *CQ* revela seu posicionamento favorável a Elon Musk, o usuário *M94* responde *CQ* associando-o a uma atitude infantil e avaliada, muitas vezes como negativa se vinculada a um adulto, a de chorar. Ainda retoma, mais uma vez, o referente “Elon Musk”, recategorizando-o como “bilionário mimado”, o que reitera seu posicionamento inicial quando associa Musk à arrogância e, especialmente, à ideia de ele ser uma pessoa mimada. Neste momento, ambos se ofenderam mutuamente, entretanto a tréplica de *M94* pode ser considerada menos grave, já que, na esteira do que discute Culpeper (2011) acerca das respostas a atos impolidos, o “contra-ataque” está respaldado, em certa medida, pelo direito social de defesa.

Figura 5 - Respostas à *M94* na postagem do perfil @opovoonline no Instagram (2)



Fonte: Perfil @opovoonline no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAZOi8AzbwO/>.

Acesso em: 29 set. 2024.

Um terceiro usuário, *IO*, retoma anaforicamente *M94* por meio do vocativo “Mano” e apresenta a ironia¹³ como estratégia de impolidez ao iniciar o comentário com um pedido de desculpas seguido de uma referência a *CQ* (o colega do outro comentário) como “deficiente”. A polidez insincera realizada pelo pedido de desculpas fica evidente quando não se vê indícios de que a informação sobre deficiência seja verdadeira, o que nos faz assumir que ele se refere a um tipo de não aparente, a mental, de maneira depreciativa e capacitista. A identificação de para quem *IO* se dirige e retoma pela recategorização é ambígua pelo fato de o recurso dêitico, isto é, o @ não ter sido utilizado pelo usuário.

¹³ Cf. Cavalcante, Brito e Faria (2023).

QC obtém uma nova resposta, dessa vez por parte de *F18*, o qual, simulando o estilo de seu comentário, devolve a ofensa, por meio da retomada e recategorização de *QC* como “mamador de bilionário”. Essa anáfora se caracteriza como intencionalmente impolida por fazer menção a questões sexuais vinculadas à subordinação ao “bilionário”, expressão que, por sua vez, retoma e recategoriza o referente Elon Musk.

O mesmo padrão de comentário (“valeu” + vocativo impolido) é repetido intencionalmente por *QC*, desta vez introduzindo o referente “bolsa família” como um vocativo depreciativo. Para acessar o aspecto depreciativo intentado por *CQ*, é necessário reconhecer, pelos conhecimentos partilhados e outros elementos pré-discursivos, que o programa Bolsa Família, criado pelo governo do Partido dos Trabalhadores, sempre foi alvo de controvérsia, sendo seus beneficiários alvos de depreciação por dependerem de medidas assistencialistas. Esse é um discurso frequentemente sustentado pelo grupo de pessoas que fazem parte do movimento da extrema-direita brasileira. O mesmo grupo que, diante da disputa entre Musk e o STF, representado por Alexandre de Moraes, parte em defesa do bilionário¹⁴. Desse modo, vemos que o uso dessa expressão como um vocativo depreciativo tem forte valor argumentativo, implicando, inclusive, uma tentativa de *CQ* se impor como superior em relação a *F18*.

Partindo para a segunda postagem, ainda no ecossistema Instagram, a notícia é veiculada pelo perfil *@diariodonordeste*. Nela, o jornal traz atualizações acerca do caso de suspensão da rede social Twitter/X por meio da manchete “Moraes nega retorno imediato de X e cita pendências judiciais no valor de R\$ 10 milhões”. Acessada via *desktop*, ela pode ser visualizada da seguinte forma.

Figura 4 - Postagem do perfil *@diariodonordeste* no Instagram

¹⁴ "Entenda como a campanha de Elon Musk contra Alexandre de Moraes pode beneficiar a extrema-direita" (disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/campanha-de-elon-musk-contramoraes-pode-beneficiar-extrema-direita-entenda/>. Acesso em: 4 out. 2024).

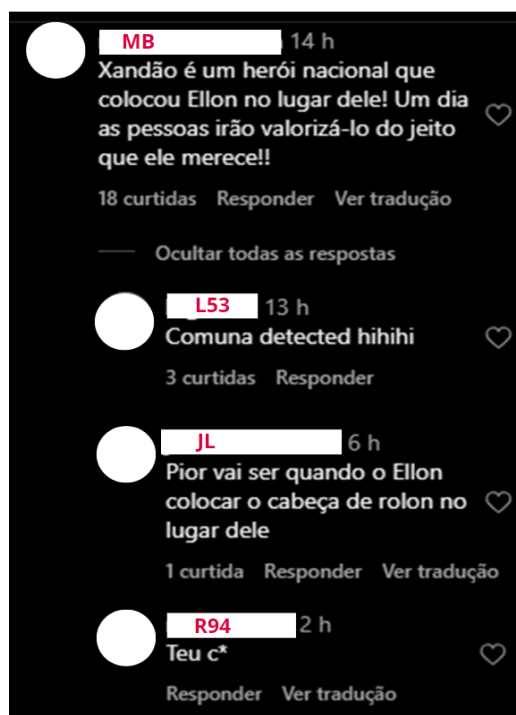


Fonte: Perfil @diariodonordeste no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAcPIgdulOq/>.

Acesso em: 29 set. 2024.

A essa notícia o usuário *MB* tece um comentário elogiativo à Alexandre de Moraes, retomando anaforicamente o referente introduzido pela expressão “Moraes” na manchete e recategorizando-o como “Xandão”. *MB* se posiciona a favor das medidas tomadas pelo ministro, razão pela qual recategoriza novamente o referente pela expressão “herói nacional”. O comentário, diferente do analisado anteriormente, não profere ofensas a nenhuma das duas figuras públicas diretamente implicadas no caso noticiado. Entretanto, respostas impolidas a esse comentário inicial são geradas.

Figura 5 - Comentários na postagem do perfil @opovoonline no Instagram



Fonte: Perfil @diariodonordeste no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DACPIgdulOq/>.

Acesso em: 29 set. 2024.

Nesse conjunto de comentários, todas as respostas são direcionadas ao comentário inicial de *MB*. *L53* responde *MB* recategorizando seu interlocutor como “comuna”, uma expressão frequentemente usada para se referir a pessoas que defendem ideais comunistas ou que têm inclinações políticas de esquerda, de maneira depreciativa. A menção se confirma pelo termo em inglês “detected”, que significa que um “comuna” foi identificado. Esse comentário, diferente da análise anterior, mesmo sendo finalizado com uma risada, possui uma conotação um pouco mais agressiva, visto que não se trata, desta vez, de um contra-ataque (Culpeper, 2011). É válido ressaltar que o fato de ser um contra-ataque não legitima, necessariamente, um atenuante; é possível que o ato seja desproporcional.

JL, por sua vez, corrobora o posicionamento da primeira resposta e ofende Moraes recategorizando-o como “cabeça de rollon”, referindo-se ao fato de o ministro ser careca. A essa forma ofensiva de citar o ministro do STF, *JL* acrescenta ao enunciado a ação de “colocar no lugar dele”, o que permite pressupor que Alexandre de Moraes está excedendo o que está sob sua competência. Observemos, ainda, que a primeira resposta pode ser vista como mais agressiva que a segunda por se desvincular parcialmente da discussão e focar em ofender o usuário propriamente dito e os valores que defende. Já o segundo se mantém, ainda

que por uma tentativa de desqualificação de Moraes, em defesa do ponto de vista sobre a questão em discussão.

A terceira resposta, a de *R94*, já pode ser considerada violenta. Alguns fatores corroboram esse possível efeito. Além de o autor do comentário inicial não ser ofensivo e, portanto, não haver razão para respostas impolidas, assim como de o alvo do comentário impolido deixar de lado a questão em debate para focar no indivíduo, o próprio *R94* sabe que está sendo violento por usar uma estratégia que se exime das sanções automáticas da rede social. Ao usar o asterisco (*) no lugar da letra “u” em “Teu c*”, *R94* admite que está indo contra as regras e busca, com isso, não ter o seu comentário ocultado pela inteligência artificial utilizada pelo ecossistema Instagram. Esse recurso, como desenvolve Fernandes (2024), impede que a palavra de baixo calão seja identificada e removida automaticamente, uma vez que o critério adotado é o lexical. Isso reforça como, no momento de organizar seu dizer na tentativa de influenciar os prováveis interlocutores, o locutor leva em conta a interveniência das tecnologias digitais: neste caso, suas restrições.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscamos refletir como a impolidez é estrategicamente mobilizada no texto em diferentes graus, tendo a violência como sua forma mais extrema. Por isso, discutimos a relevância de se considerar um *contínuo de impolidez*, como descreveu Fernandes (2024). Se falamos de uso estratégico, é porque consideramos, com base em Cavalcante *et al.* (2022), que o modo como um locutor organiza textualmente seu dizer é eivado de motivações argumentativas. Numa análise textual, em que admitimos o texto como um evento único e irrepetível, a impolidez, conforme a define Culpeper (2011), depende de fatores culturais e contextuais e só pode ser apreendida, como discutiu Fernandes (2024), a partir da consideração do circuito comunicativo que cerca e constitui o texto, no qual aspectos textuais, enunciativos e (tecno)discursivos intervêm a todo momento.

A análise proposta evidenciou uma relação entre peculiaridades da interação tal qual ela é posta em funcionamento e a intensidade dos atos ameaçadores de face; dito de outra forma, aspectos contextuais (em sentido amplo) são cruciais para a interpretação dos níveis de impolidez dentro do contínuo. Como exemplo, uma resposta impolida tende a gerar um efeito possível mais brando que um comentário impolido ou violento ao qual ela se reporta, assim como a mudança do foco argumentativo da questão em discussão para a figura do falante sinaliza um grau mais alto de impolidez. Dessa forma, as análises confirmam o que

aponta Charaudeau (2019) acerca da violência – e que Fernandes (2024) adota para discutir impolidez –, isto é, a importância de se analisar o conjunto de suas condições de produção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eduardo Carvalho de. **Argumentação e multimodalidade: análise de processos referenciais em textos da rede social x**. 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em : <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75599>. Acesso em: 4 out. 2024.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares**. EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Acesso em : 6 out. 2024.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017 [2014].

AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018a [2000].

AMOSSY, Ruth. **Nova retórica e linguística do discurso**. Tradução de Patrícia Sousa Almeida de Macedo. **Organon**, v. 33, n. 64, 2018b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/84518/48771>. Acesso em : 6 out. 2024

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual**. ReVEL, edição especial vol. 14, p. 106-124, 2016. Disponível em : <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51413>. Acesso em: 4 out. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; PINTO, Rosalice; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Polêmica e argumentação: interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política**. **Diacrítica**, v. 32, n.1, 2018, p. 5-24. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/article/view/5012>. Acesso em : 6 out. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. MARTINS, Mayara Arruda. **Referenciação: em síntese**. In: LIMA, A. H. V.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. (orgs.). **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer** - volume 2. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 237-272. Disponível em :

https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/eBook_Linguistica-geral-2.pdf

f. Acesso em: 30 set. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **O pressuposto da argumentatividade nas análises em linguística textual**. In: **TEXTO e Argumentação**. [s.l.], 8 de out. 2021. 1 vídeo (2h20min17s). Publicado pelo canal Énonciation et Argumentation. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVfy4Jsa-Go> . Acesso em: 29 set. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; FARIA, M. da G. dos S. **Atos languageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual**. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 54, n. 1, p. e1900, 2023. DOI: 10.18309/ranpoll.v54i1.1900. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1900>. Acesso em: 30 set. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. Le maelstrom de l'interdiscours. In: SOULAGES, J-C. (dir.) **L'analyse de discours: sa place dans les sciences du langage et de la communication**. Hommage à Patrick Charaudeau. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015. p. 125-138.

CHARAUDEAU, Patrick. **Reflexões para a análise da violência verbal**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 443-476, set./dez. 2019. Disponível em : <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916>. Acesso em : 30 set. 2024.

CULPEPER, Jonathan. **Impoliteness using language to cause offense**. Cambridge, Cambridge University Press, 2011. 292 p.

FERNANDES, Jessica Oliveira; ALMEIDA, Eduardo Carvalho de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade como estratégia de impolidez em textos verbo-imagéticos**. **LETRAS EM REVISTA**, Teresina, v. 13, n. 01, mar. 2023. ISSN 2318-1788. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/480>. Acesso em: 29 set. 2024.

FERNANDES, Jessica Oliveira. **A construção do sentido impolido em comentários do Twitter/X a partir de redes referenciais**. 2024. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal

do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/78242>. Acesso em: 15 set. 2024.

MAINGUENEA2104U, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Mayara Arruda. **Redimensionando a noção de dêixis: o @ como recurso dêitico na tecnodiscursividade**. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, 2023, p. 1-16. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1897>. . Acesso em: 8 out. 2023.

MATOS, Janaica Gomes. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35419>. Acesso em: 15 set. 2024.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação**. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, Alena. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 17-52.

OLIVEIRA, Rafael Lima de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **O texto e a tese: reflexões sobre a visada argumentativa nos textos**. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 24, n. 1, p. 107-123, 23 jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/4107>. Acesso em: 8 out. 2023.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014 [1958].

VITALE, Alejandra; AMOSSY, Ruth A conversation with Ruth Amossy. **Revista Conexão Letras**, [s. l.], v. 1442, n. 18, 2018. DOI: 10.22456/2594-8962.79469. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/79469>. Acesso em: 8 out. 2023.